



NO ABISMO DAS CIDADES: *HOSANA NA SARJETA*, DE MARCELO MIRISOLA

Valdemar Valente Junior*

O encontro do escritor boêmio com uma assistente de enfermagem na noite de São Paulo é o ponto de partida de *Hosana na sarjeta*, de que MM, que dá pistas de ser o próprio autor, e Paulinha Denise, que recebe cinco entidades espirituais e toma remédios de tarja-preta, são os protagonistas. O escritor enxerga nesse encontro, a partir da atração que Paulinha Denise desperta nos homens, algo que lhe dá a plena segurança de tê-la. Por sua vez, o oposto de Paulinha Denise chama-se Ariela, manipuladora e mentirosa, que conhece todos os seus livros. Para MM, trair Paulinha Denise deve-se à cafonice de seu chapéu de poodle sobre a carapinha descolorida, o que contrasta com suas curvas esculturais. A representação dessas duas mulheres o faz optar pela estudante bissexual, com alto poder destrutivo, tão egoísta quanto

* valdemarvalente@gmail.com

Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Pós-Doutorado em Literatura Brasileira pela UERJ. Professor Assistente de Literatura Brasileira e Teoria Literária da Universidade Castelo Branco e da Faculdade Paraíso.

ele, o que se configura em elemento definido, a partir do somatório de desencontros que se converte em texto.

O título do romance de Marcelo Mirisola inverte o termo bíblico, cujo sentido é “salva-nos, Senhor”, descrito em Mateus 21:8, para torná-lo sinônimo da derrocada dos que se expõem às zonas de perigo. *Hosana na sarjeta* evidencia a trajetória dos seres em queda, quando um tropeço representa uma descida ao limbo. No plano das relações, as feridas não cicatrizam, deixando sequelas que estigmatizam os enjeitados de todos os gêneros. Daí, a assistente de enfermagem ser rejeitada em nome da estudante. Em sua projeção de subliterate, MM não encontra lugar para a carapinha descolorida e o chapéu de poodle de Paulinha Denise, dando margem a que Ariela se imponha. No entanto, já estava quase decidido a assumir a gravidez da primeira e ir viver um cotidiano

de apartamento financiado pela Caixa Econômica Federal e domingos de churrascos, cachorrinhos felpudos, Faustão e Galvão Bueno, quando o rebate falso põe fim a esses planos.

A viagem à Serra da Canastra, em Minas Gerais, o faz rever a família, na luta diária de ordenhar a vida, assim como ele, que batalha em várias frentes no labirinto de São Paulo. Aí situa-se mais um dos abismos que separa o escritor de livros pornográficos da assistente de enfermagem, bem como do pai e do irmão, covers de Chitãozinho e Xororó, criadores de tilápias e tucunarés. A existência sem muitos mistérios representa o ponto divergente de que se afasta, a partir de sua procura pelo que lhe oferece a sensação de ter encontrado um diamante no garimpo da cidade, quando, na verdade, depara-se sempre com bijuterias. A euforia de viver em São Paulo sugere uma perspectiva de sucesso. Esse autoengano alimenta o doublé de escritor, corretor de seguros e vendedor de carros usados. A sensaboria de uma vida cujo único sentido consiste em sua absoluta falta de sentido concorre para que MM chafurde mais a fundo com Ariela em uma relação de enganos e mentiras, espécie de combustível à egolatria de que tanto necessita.

Em seguida, a traição de Ariela com um subliterato com ares de escritor maldito reverbera como golpe baixo transmitido pelo Facebook. Essa Hosana na sarjeta, caída do céu cinzento de São Paulo, posta fotos ao lado do escritorzinho

diluidor de sua obra. Assim, o diamante que lhe trouxera perde-se no vazio das coisas inúteis. No entanto, lança mão de seu plano B, ligando para Paulinha Denise, em quem diz ter pensado durante toda a viagem ao interior de Minas Gerais. A prova de seu arrependimento materializa-se em um diamante, pedra rara e sem jaça, como ela, presenteadando-a para selar o reencontro. Desse modo, a narrativa situa seu foco sobre a precariedade das relações, a partir de personagens sem a possibilidade de superar a miséria moral que as aprisiona. MM se movimenta entre Paulinha Denise e Ariela de acordo com o que de melhor a situação lhe possa oferecer.

Em seguida, aceita o convite do amigo Brecão, amante da socialite Maria Rita, para passarem, ele e Paulinha Denise, o réveillon no Rio de Janeiro, na cobertura duplex de seu sogro, um político corrupto. Após o desembarque no Aeroporto Santos Dumont, a bebedeira dos amigos, em uma adega em Copacabana, termina de madrugada, para espanto de Paulinha Denise, em pânico diante das cenas de agressão entre Brecão e Maria Rita. Nas saídas à Livraria Argumento, no Leblon, e ao Bar Bip-bip, em Copacabana, Paulinha Denise aproxima-se de Brecão, dizendo-lhe o mesmo que dissera ao detetive Mauro Picanha, também amigo de MM, ou seja, que cada um, Mauro Picanha e Brecão, além de MM, incorporam entidades, sendo que, no caso de Brecão, tratam-se de representações importantes na hierarquia dos orixás.

De volta à cobertura, Paulinha Denise resolve sair em trajes de prostituta, atravessando a Avenida Princesa Isabel em direção à Praça do Lido e ao calçadão da Avenida Atlântica. Ao retornar, às seis horas da manhã, completamente embriagada, desfia um rosário de palavrões, o que culmina no afastamento do casal e em sua volta para São Paulo.

Diante disso, *Hosana na sarjeta* traz à narrativa contemporânea situações levadas ao extremo, à linha limítrofe das relações, problematizando-as sem que a isso se imponha qualquer pieguice ou compaixão. À ideia de um mundo ordenado impõe-se o caos de tudo o que foge ao controle. Entre a vida e sua imitação, a narrativa promove aproximações e fugas denotando a insegurança com que ambas se efetivam nas formas desviantes de comportamento. A transgressão e as atitudes espúrias são as regras que aprofundam abismos ante situações para as quais não se conjectura qualquer solução. As personagens de *Hosana na sarjeta* não se esforçam no sentido de poder sair de onde estão, na medida em que não há perdão para os que se desviam. MM, Paulinha Denise, Ariela, Brecão e Maria Rita dirigem-se ao fim da linha, em uma viagem sem paradas e sem direito à passagem de volta.

A narrativa afirma-se em seu aspecto destrutivo como elemento que acompanha MM em sua carreira de escritor, como se a coleção de desfazimentos que cultivava lhe fornecesse argumentos aos livros que escreve. Ao retornar a

São Paulo, em plena Via Dutra, recebe um telefonema de Francisnight, o valete do forró, seu parceiro em “Forró do Nerd” e amigo de Paulinha Denise, dando conta de seu desaparecimento. Em meio a uma série de hipóteses, o corpo de Paulinha Denise é encontrado em uma casa de praia no litoral paulista. Ingerira uma superdose de barbitúricos e relaxantes e tivera uma parada cardíaca. Ao lado do corpo, cachaça, velas e doces, além de um bilhete em que acusa MM de ser incapaz e amar alguém nessa vida. Dias mais tarde, uma caixinha de perfume lhe chega às suas mãos com o diamante devolvido. Mas a vida prossegue, e o “Forró do Nerd” estoura nas paradas de sucesso sem que Francisnight lhe desse crédito na parceria.

Com a morte de Paulinha Denise, MM reaproxima-se de Ariela, a sacerdotisa do vício, que trai o marido que a espanca. Mas a sentença de uma das entidades espirituais acaba por se cumprir, resultando na impotência sexual e nas dores que dele se apoderam, o que o faz se comprazer da falta de sorte na lembrança de Paulinha Denise. Assim, o acúmulo de fracassos faz do escritor pornográfico alguém que vive de amigo em amigo, pingente de um vagão que apita em cada curva, sob o risco de cair sobre os trilhos e ser esmagado. Na Serra da Canastra, local por ele descoberto, para onde a família se transfere, a companhia do irmão e do pai passa a ser o último refúgio de quem nunca saberá o que é o amor.

Daí observa no Pesque-Pague as tilápias e os tucunarés, sendo o último um predador insaciável que, como ele próprio, a tudo devora. Na vida como no Pesque-Pague, as disputas são sempre injustas e os perdedores acabam engolidos, como fora Paulinha Denise. Tilápias e tucunarés são como amantes ao fim das histórias de amor.

REFERÊNCIA

MIRISOLA, Marcelo. **Hosana na sarjeta**. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2014, 144 p.